

RELIGIÃO NUMA VISÃO SOCIOLÓGICA E CIENTÍFICA

Graciela Meireles Jardim¹

RESUMO: O artigo foi elaborado fazendo análises em alguns clássicos das ciências sociais de hoje e reflexos do passado com olhar especialmente voltado para as situações do povo brasileiro, refletindo a sociologia e a religião em diversos aspectos. Avaliada assim por sociólogos e religiosos, não como algo impossível, mas sim, como uma trabalhosa possibilidade garantida através de investigações por um intenso processo de estudos e métodos sobre as ciências sociais. São estes conflitos que nos provoca a seguir outros estudos...

Palavras-chave: Sociologia, Religião, Sociedade brasileira.

ABSTRACT: This article was prepared by making analysis on some classics of social sciences today and reflections of the past with look especially facing the situations of the Brazilian people, reflecting the sociology and religion in various aspects, as well assessed by sociologists and religious, not as impossible, but as a laborious possibility, guaranteed by investigations with an intense process of studies and methods of the social sciences. These are conflicts that causes us to follow other studies ...

Keywords: Sociology, Religion, Brazilian society.

1 INTRODUÇÃO

Algumas opiniões minhas foram relativizadas sob o argumento extra científico de que pertenço a determinada instituição religiosa. Não fui criticado a partir da propriedade ou não das ideias, mas a partir de argumento “extracampo”. Porém, pergunto: onde está o cientista absolutamente virgem quanto a preconceitos culturais, de formação etc.? Alguém poderia afirmar com total segurança que caminha na direção de um objeto de estudo absolutamente nu, desarmado? Mesmo que assevere que, em relação à religião, seu objeto de estudo é ateu (conceito já carregado de paradoxal compromisso), agnóstico ou materialista, já contaminou suas posições. O que conduz o cientista a determinado objeto é a paixão, seja a afirmação ou a negação em relação ao objeto. (MENDONÇA, 1990)

“A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo. As ações religiosa ou magicamente exigidas devem ser realizadas ‘para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra’”. (WEBER, 1991, p.279).

¹ Pós-graduação em Sociologia

Primeiramente para explicar a visão de religião temos que saber que ela é uma das fundadoras da sociologia, pois através da religião começaram a ser estudados vários aspectos importantes em termos de construção de sociedade, começaram diversas análises sobre o comportamento humano dentro da religião.

Tentando perceber a importância da religião faço uma análise desde os primórdios de nossa história. O homem começa a dar significado às coisas ao seu redor, ele passa a entender, a decodificar o mundo e ao mesmo tempo, uma maneira de tranquilizar o homem perante os fenômenos naturais: Como terremotos, ventos, chuvas, trovões e observava como o mundo funcionava fazendo seus registros nas cavernas, e nesta busca de compreender a sua vida e os acontecimentos, nasce a religião. Esta era a única que conseguia dar um conforto ao ser humano, não existia a ciência, física, biologia... Houve uma projeção da figura humana transportada para o céu. O homem se tem como provedor de tudo (mundo natural/mundo imaginário) o homem dominando o seu grupo passou a ter curiosidade e começa a imaginar um universo com deuses. A religião cognitivamente vai desvendando várias dúvidas e medos. Ela passa a trazer novas questões ao homem, satisfazendo as necessidades e angústias sobre as questões da morte que ao primeiro momento não é algo bom. Ela traz muito sofrimento por não ter volta, deixando o homem com medo e respeito à vida. Ela surge para dar sentido à existência humana, com explicações que por um bom tempo, foram satisfatoriamente, aceitas e hipoteticamente, por durante um bom tempo... Então começou a vir o conhecimento e o surgimento dos métodos científicos e muitas crenças passaram a ser duvidadas.

Existiam vários teóricos na época querendo trabalhar na busca da essência religiosa... Mas quem nos chama mais a atenção é Marx Weber pois ele conseguiu examinar de uma maneira geral, as diversas religiões que até hoje ainda conseguem influenciar, na escolha de vida do homem.

Weber mostra-se todo tempo investigativo e questionador. Ele acredita e defende a relação da religião. Esta muito ligada a alguns reflexos sociais (políticos, culturais e econômicos), mas ao mesmo tempo ele acredita que a religião serve para confortar a existência do ser humano: “para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra” (WEBER, 2000, p. 279).

Os questionamentos são à estrutura do seu trabalho. Ele segue com as análises sobre as projeções de sua vida, o que cada indivíduo reflete, ele questiona sobre os efeitos da ação comunitária, isto é, mais do que suas crenças propriamente ditas...

2 A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Os questionamentos são à estrutura do seu trabalho ele segue com as análises sobre as projeções de vida que cada indivíduo reflete ele questiona sobre os efeitos da ação comunitária, isto é, mais do que suas crenças propriamente ditas...

Trago aqui a definição de ação comunitária, tal qual formulada pelo autor. Em Ensaio de sociologia, ele escreve que “ação comunitária é aquela ação que é orientada pelo sentimento dos agentes de pertencerem a um todo”, e que difere da ação societária, na medida em que esta é definida como “uma ação que é orientada no sentido de um ajustamento de interesses racionalmente motivados” (WEBER, 1979, p. 215). Enfim, ao definir a religião como “um determinado tipo de ação comunitária” (WEBER, 2000, p. 279), Weber ressalta seu aspecto congregado que tem impacto sobre a ação dos indivíduos, na medida em que fornece parâmetros comuns para aqueles que pertencem a essa comunidade.

A sociologia tem grande autonomia para analisar o movimento religioso e escrever sobre elas, mesmo que as religiões também tenham discursos, falas e defesas a respeito da ciência. A verdade é que as ciências, acerca das religiões, mostram-se bem mais verdadeiras, do que as verdades das religiões sobre as ciências. Para desconstruir esta ideia de conhecimento do senso comum, a respeito do movimento religioso. Em outros termos: a verdade das ciências sobre as religiões é socialmente mais verdadeira do que a das religiões sobre as ciências. Para romper com toda espécie de conhecimento do senso comum acerca do fenômeno religioso, não isento apesar da espontaneidade. As sociais desenvolveram seu próprio discurso, que não é único mesmo com a uniformidade do procedimento metodológico, sobre o mesmo objeto (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999). A sociologia questiona o movimento religioso fragmentando o discurso de sentido religioso, a ciência procura superar acontecimentos intensificando a busca pela verdade. “Toda realização científica suscita novas perguntas: pede para ser ultrapassada e superada” (WEBER, 1982, p.164), o que pode ser suportado pelas religiões, que exigem o chamado sacrifício do intelecto (WEBER, 1982). Percebe-se que a religião, teve importante papel para o desenvolvimento da sociedade, em uma análise especial para os clássicos, serve para mostrar que as ciências sociais, deram ênfase a religião, para fazer relações religião e sociedade, religiões e indivíduo social, incluindo tudo a uma visão para melhor compreender o comportamento em geral sendo ele social ou religioso ... Dos marcos como referência de estudo da história autônoma e madura das ciências sociais (principalmente o estudo da sociologia), Émile Durkheim e Max

Weber, cada um com a sua maneira, contribuíram de modo positivo para a religião em suas teses ou nas ciências sociais. Já Karl Marx por meio a uma negação, afirma também algumas relações entre a sociedade e a religião, mesmo que não seja definitiva, sujeita a superações importantes para o desenvolvimento da história... Assim a sociologia da religião no Brasil começou, pode-se dizer, a partir de 1930, com o estudo do catolicismo, principalmente; as outras religiões e fenômenos religiosos eram objeto de estudo, em projetos de pesquisadores estrangeiros na maioria dos casos, em virtude de seu exotismo e outras percepções sendo como a percepção das ciências sociais, uma linha de pensamento muito importante para formulação da teoria e métodos debatidos por grandes autores.

Através do estudo destes autores, a religião passou a ser estudo da sociedade em geral, a sociologia vem se mostrando através da modernidade a superação da filosofia e teologia como ideia totalizante capaz de explicar sobre tudo. No Brasil, as ciências da sociedade desenvolveram-se em vários sentidos atentos e abertos ao fenômeno religioso, fazendo da religião um ingrediente social tal que sem ele fica insuficiente opinião ou análise da sociedade brasileira. Primeiramente percebe-se que as ciências sociais dá atenção religiosa à religião oficial no Brasil, sendo esta a igreja Católica Apostólica Romana, que permaneceu na condição de igreja até a constituição republicana, passou-se então a tentar perceber a sociedade brasileira desde os primórdios (descobrimento do Brasil) a chegada dos portugueses já com a sua própria cultura até os dias de hoje, não levando em conta as religiões o catolicismo e sua religiosidade com vários fieis no povo, mesmo depois do estado laico existindo uma equiparação das religiões e conseqüentemente da concorrência entre elas. Quando chegaram as missões estrangeiras, onde a França especialmente, era a principal responsável pelos primeiros grupos de pesquisadores intelectuais, com grande influência dos mestres estrangeiros, com isso há um enfoque maior para outro fenômeno mais exótico e atrativo no Brasil e seu território... gente, costumes folclore, religião.

É possível perceber a grande riqueza e o exotismo da presença das diversas religiões no Brasil. Dentre elas a religiões africanas, estes acontecimentos tão particulares, na história das culturas e sociedades humanas. É isso que Antônio Flávio Pierucci reconhece como processo de desenvolvimento das ciências sociais no Brasil de “a sociologia do catolicismo em declínio”:

O catolicismo no Brasil está diminuindo de tamanho. É o que mostra o censo brasileiro do ano 2000[...]. Ora direis, que novidade essa... Mais exato seria dizer que o dado censitário mostra isso mais uma vez, como aliás tem feito sempre, compassando a intervalos regulares de dez anos um declínio que é constante, persistente e que, por mal dos pecados e despeito de todos os esforços em contrário das autoridades eclesiásticas e de uma sempre rejuvenescida militância católica,

parece impor-se ao catolicismo brasileiro feito um fado: inexorável.[...] Desde seus inícios mais remotos, nos anos 50 e 60 do século 20, a sociologia da religião praticada no Brasil foi sempre uma sociologia do catolicismo em declínio. Em nosso país e na América Latina como um todo, mesmo os estudos sociológicos sobre as religiões não católicas, ao enfocarem a expansão ou quantitativa ou qualitativa de uma outra religião, seja ela qual for, estão sempre fazendo-pelo avesso uma filosofia do declínio do catolicismo (PIERUCCI, 2002, P.5).

Assim através das pesquisas a dinâmica social é acompanhada: do catolicismo, as ciências sociais movem sua atenção para vários acontecimentos religiosos de matriz africana, e neste período observavam-se as análises dos movimentos pentecostais e neopentecostais, seja no campo cristão e também aos novos e recém surgidos movimentos religiosos: espiritismos, orientalismos, esoterismos, sincretismos, Nova era etc. Por isso os novos movimentos religiosos no Brasil são levados em conta partindo de diversas análises do contemporâneo brasileiro, levando em conta também o pentecostalismo atrai cada vez mais a atenção do público laico, rende artigos, curiosidades, entrevistas na mídia, então uma coisa é certa: quando se fala em catolicismo no Brasil, muita gente, para não dizer pessoas depois de uma certa idade, sabe do que se trata. Quando se fala de movimentos cristãos fora do catolicismo no Brasil, uma espécie de confusão terminológica e conceitual instaura-se.

Classificar é preciso: mas é sempre muito difícil. Classificar é equivocar-se sempre, ou melhor, é ser parcial no mínimo pois um modelo de classificação exclui outros tantos da sua maneira legítima e competente. Classificar religião é também sempre muito complicado, mas tem de se arriscar. Complicação, insuperável, é que o rótulo simplificador não dá conta de aprender toda a complexidade da realidade, e por isso, que se assume a parcialidade das classificações. Da coisa à uma palavra toda uma cadeia de significantes pode se perder. Antônio Gouvêa Mendonça (1989, p.73) concorda com dificuldade exposta: [...] quando a gente faz uma proposta de classificação. E é claro que a escolha de um significa a exclusão de outros critérios dessa classificação. E é claro que a escolha de um significa a exclusão de outros critérios tão válidos e possíveis quanto aquele.

O autor tenta explicitar seu entendimento ao público, usando de vários detalhes, exibindo um resumo muito mais cronológico do que genealógico, fazendo uma ligação entre religião e sociologia no âmbito brasileiro.

Podemos ter esta percepção através de textos da imprensa brasileira, jornalísticos. Percebe-se algumas diferenças de movimentos dentro do rótulo igreja evangélica, onde não há nenhuma preocupação com o que se diz a domínio público nem com a manutenção rigorosa de seu sentido original.

O esclarecimento de uma possível desmistificação religiosa será tratado no próximo

parágrafo, apresentando sutilmente a necessidade e os problemas dentro do universo evangélico brasileiro.

Muita tinta já foi gasta com discussões a respeito de critérios de classificação dos evangélicos no Brasil. Quem é genuinamente evangélico aqui? Considerando impossível uma classificação única e aceita por todos, pode-se construir uma sequência cronológica do surgimento do desenvolvimento do cristianismo não católico no Brasil: protestantismo histórico, depois, evangelicalismo, depois pentecostalismo e, por fim, neopentecostalismo. O que cabe em cada conceito não será discutido aqui. Que todos caibam dentro de um rótulo “evangélico” é o que se espera aqui (CAMPOS, 2003, p.3). Sendo assim vista a sequência...nos sugere alguns questionamentos dentre as dúvidas: Era qual o movimento religioso no Brasil que a sociologia não conseguiu dar muita atenção? Porém antes de qualquer inclinação a suscetíveis respostas, consideremos que dentro da história brasileira, verifica-se o movimento religioso do protestantismo histórico, sendo visto de maneira diferente no campo cristão por diversas religiões. Leia o seguinte parágrafo o qual deverá dar a melhor ideia a este questionamento. Os estudos científicos de religião no Brasil estão se desenvolvendo, aos poucos, em centros de pesquisas e universidades, preocupados com certos fenômenos que nos fascinam a todos, como os cultos africanos, o pentecostalismo, e a chamada “religião popular”. Mas não tem havido estudos e reflexão sobre o protestantismo brasileiro, numa linha mais científica e, portanto, não sectária (MARSCHIN, in MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p.10).

Através dos estudos podemos constatar que entre o início do século XX, as pesquisas e estudos, uma hipnose religiosa, onde há uma adesão em massa, dando vazão a reflexões científicas, não sectária sobre o protestantismo histórico brasileiro. Antes destes estudos eram transviados, confundindo muitas vezes ciência e religião, a história e a sociologia e outras ciências humanas e sociais, eram propostas a disposição e a serviço da religião e da fé, sem nenhuma objetividade sem nenhum respeito ao funcionamento próprio de todas as ciências sociais. Eis que começam alguns pensamentos transitórios, estará o religioso, com interesses sociológicos? Antes de concluir Bourdieu e Pierucci...

Pierucci (1997, p. 250) continua: “paralelamente ao crescimento da produção brasileira de estudos em sociologia da religião, percebo que cresce (desproporcionalmente) nossa ‘boa vontade cultural’ para com a religião [...]”. A boa vontade da comunidade acadêmica, identificada pelo autor como “nossa”, pois fala do e para o campo científico, é representada por produções científicas que apresentam o caráter saudável do exercício da religião e escondem que “o exercício de uma religião só é possível porque inseparável do

exercício do poder religioso por alguns, os happy few” (PIERUCCI, 1997, p. 250). Nesta visão Perucci passa a relacionar uma considerável mudança pois começa a existir um expressivo número de cientistas sociais, pertencentes ao estudo religioso, tentando descrever tentando definir claramente as divergências e aproximações entre os campos científico e religioso, resolve dar conselho aos estudiosos:

Penso que um pouco mais de Bourdieu, do modo como Bourdieu olha para a religião, um pouco mais daquele rigor científico radicalmente desencantado, que dissecava a coisa enquanto critica a própria disciplina que a observa, faria muito bem a todos nós” (PIERUCCI, 1997, p. 251).

Com tantas questões deve-se tomar cuidado para responder: pode ser científica a sociologia da religião produzida por quem participa de uma forma ou de outra do campo religioso?

[...] dificilmente; isto é, somente se for acompanhada de uma sociologia científica do campo religioso. Tal sociologia é uma empresa muito difícil, não que o campo religioso seja mais difícil de analisar do que um outro (embora aqueles que estão envolvidos nele tenham interesse em fazer com que se acredite nisso), mas porque, quando se faz parte dele, participa-se da crença inerente ao fato de se pertencer a um campo, qualquer que seja ele (religioso, universitário, etc.), e porque, quando não se faz parte dele, corre-se em primeiro lugar o risco de deixar de inscrever a crença no modelo, etc. [...], e, em segundo lugar, de ser privado de uma parte da informação útil. Em que consiste essa crença que está envolvida no fato de se pertencer ao campo religioso? A questão não é saber, como frequentemente se finge acreditar, se as pessoas que fazem sociologia da religião têm fé ou não, nem mesmo se pertencem à Igreja ou não. A questão é a crença vinculada ao fato de se pertencer ao campo religioso, o que chamo de *illusio*, investimento ligado a interesses e vantagens específicos, característicos desse campo e dos alvos particulares que estão em jogo nele (BOURDIEU, 1990, p. 108-109).

Na crítica que Pierucci faz a produção sociológica de religiosos ele tenta esclarecer os limites entre o científico e o religioso (fronteiras borradas)”, nas quais o sociólogo religioso da religião desenvolve uma “espécie de ‘relação de má-fé’ com a ciência” e de “‘cumplicidade’ com a religião” (PIERUCCI, 1997, p. 254). Por outro lado questiona-se a cumplicidade para com a religião, tentação do jogo duplo...

[...] a crença que a instituição organiza (crença em Deus, no dogma, etc.) tende a mascarar a crença na instituição, o obsequium, e todos os interesses ligados à reprodução da instituição. E isso mais ainda na medida em que a fronteira do campo religioso se tornou imprecisa (temos bispos sociólogos) e que é possível acreditar que se saiu do campo religioso sem ter realmente saído dele (BOURDIEU, 1990, p. 109).

Da teoria para a verificação: segundo Pierucci (1997, p.255):

1) muitos dos pesquisadores da religião hoje no Brasil professam ou praticam crenças religiosas; 2) parte significativa do que se produz em sociologia da religião no Brasil hoje em dia faz o ‘elogio da religião’. O risco claro do sociólogo (“sociólogo original”) que está na fronteira borrada é o do “historiador original” de Hegel que, “‘vivendo no espírito do acontecimento’, assume os pressupostos daquela cuja história ele está contando – o que explica que tantas vezes ele se veja na impossibilidade de fato de objetivar sua experiência quase autóctone, de escrevê-la e publicá-la (BOURDIEU, 1990, p. 111).

O “sociólogo original” da religião é aquele que combate a concorrência externa, mormente científica, com argumentos pseudo verdadeiros de que somente o conhecimento autóctone é capaz de garantir a verdade da análise do campo religioso. Ele faz da pertença ao campo “condição necessária e suficiente para o conhecimento adequado” (BOURDIEU, 1990, p. 110). A tentação do jogo duplo e da dupla vantagem – que atinge principalmente os estudantes das grandes religiões universais – é “o perigo de se produzir uma espécie de ciência edificante, destinada a servir de fundamento a uma religiosidade científica, permitindo acumular as vantagens da lucidez científica e as vantagens da fidelidade religiosa” (BOURDIEU, 1990, p. 112-113).

E assim podemos perceber a base de boa vontade cultural, incluindo os estudiosos e cientistas, para com a religião. [...] anda muito na moda, agora, fazer sociologia da religião para elogiar a religião, mostrar os benefícios que ela faz às pessoas, sobretudo se das camadas mais despossuídas, à sociedade como um todo, à própria democracia. Hoje não é raro, muito pelo contrário, é cada vez mais frequente ouvir de “sociólogos da religião” (sem fé ou sem cerimônia?) Que a religião confere *empowerment* às pessoas porque fortalece o associativismo voluntário, que a religião aumenta a autoestima dos indivíduos das camadas mais desprotegidas porque os motiva a abandonar comportamentos indesejáveis, como o alcoolismo, o homossexualismo, a dependência das drogas etc. (só falta falar que a religião liberta os pobres da preguiça), que a participação religiosa incrementa a participação civil, enfim, que a religião produz subjetividades ativas. É verdade. Mas andam esquecendo de dizer aos nossos estudantes e leitores que toda religião é uma forma histórica de dominação; que toda religião ética é, historicamente, repressão das melhores energias vitais; e que a sociologia da religião só é possível porque tem na crítica moderna da religião sua condição pós-tradicional de possibilidade enquanto ciência. Enquanto ciência moderna, ênfase (PIERUCCI, 1997, p. 256-257).

Partindo dos trechos citados acima através de argumentos torna-se pertinente a verdadeira imagem dos acontecimentos sociais ocorridos no Brasil, permite desvendar como fazer para que toda sociologia da religião feita por religiosos seja um elogio a religião. Seguindo os estudos, estatísticas, a ciência ainda defende o seu espaço fazendo ciência social dentro do vasto campo religioso, seguindo é claro, as regras do método científico sociológico. Quando Bourdieu (1990, p. 108) questiona a respeito de como a ciência poderia trazer algum benefício, ou ajuda no desenvolvimento no campo das religiões, ele argumenta a dificuldade porém, garante não ser impossível: “isto é, somente se for acompanhada de uma sociologia científica do campo religioso”. Através de análises feitas por cientistas, começa por uma detalhada definição dos limites existentes entre os campos científico e religioso, tentando se manter ao máximo da imparcialidade, sem dar vantagem a nenhum dos campos, usando a ciência para o elogio à religião, a construção do conhecimento interessado. É uma determinação ao sociólogo: assumir verdadeiramente a sua intensão religiosa, o que poderá permitir a possível permuta entre o benefício e prejuízo:

De obstáculo à objetivação, a pertença pode se tornar um adjuvante da objetivação

dos limites da objetivação, contanto que ela mesma seja objetivada e controlada. [...] O corte epistemológico [necessário], nesse caso, passa por um corte social, que supõe ele próprio uma objetivação (dolorosa) dos vínculos e das vinculações. A sociologia dos sociólogos não se inspira numa intenção polêmica, ou jurídica; ela visa somente tornar visíveis alguns dos mais poderosos obstáculos sociais à produção científica. Recusar a objetivação das adesões, e a dolorosa amputação que ela implica, significa condenar-se a jogar o jogo duplo social e psicologicamente vantajoso que permite acumular as vantagens da cientificidade (aparente) e da religiosidade (BOURDIEU, 1990, p. 112).

Então vários questionamentos pressionam os estudiosos: a resposta não é fácil até porque não garante o objetivo alcançado, o que não deve desistir dos possíveis caminhos a objetivação. Ao analisar os estudos, percebe-se o importante envolvimento de”, Loïc J. D. Wacquant apresenta um caminho possível para essa objetivação. Ao aproximar sistematicamente Bourdieu de Émile Durkheim, ao estudo baseando-se em quatro princípios, que constituem a ideia comum aos dois autores. São eles: “a adesão ferrenha ao racionalismo, a recusa da teoria pura e a defesa obstinada da indivisão da ciência social, a relação com a dimensão e a disciplina histórica. Enfim, o recurso à etnologia como dispositivo privilegiado de ‘experimentação indireta’” (Wacquant, 1997, p. 29). Das bases comuns de Durkheim e Bourdieu, listadas e analisadas por Wacquant (1997), destaca-se aqui a primeira:

[...] uma filosofia racionalista do conhecimento como aplicação metódica da razão e da observação empírica ao reino social, aplicação esta que exige, de um lado, em todos os momentos, uma suspeita em relação ao pensamento comum e às ilusões que este engendra continuamente e, de outro, um esforço ininterrupto de (des/re) construção analítica única capaz de extrair do abundante emaranhado do real as “causas internas e as forças impessoais ocultas que movem os indivíduos e as coletividades” [...] Recorde-se que o objetivo declarado de Durkheim, desde a origem de seus trabalhos, é “estender à conduta humana o racionalismo científico” que tinha sido posto à prova na exploração do mundo natural [...] Do mesmo modo, Bourdieu reforça a unidade do método científico e a pertinência da sociologia à grande família das ciências. Wacquant (1997, p. 30)

Tendo como base o senso comum racional de Durkheim e Bordieu, analisando os dois campos, ciência e religião, havendo uma visão particular na sociologia, sem deixar de dar ênfase a percepção da indivisão das ciências sociais, e também das outras ciências. Com a ideia de que se venceu o “jogo duplo”, entende-se que a ciência social somente poderá ser desenvolvida por cientistas religiosos, respeitando cada campo, e fazer sociologia científica no campo religioso. Na visão durkheiminiana, a religião deve ser tratada como um fato social, pois:

[...]é fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independentemente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1995, p. 13).

Estabelece-se então visto a clareza, que a religião vista como fato social predomina o

científico da sociologia, mas esta não consegue estancar o sentido da outra. Neste mesmo sentido, a filosofia, a teologia, a psicanálise, exemplificando com falas independentes, sendo que outras ciências, não conseguem esclarecer a religião científica, respeitando sempre os objetos religiosos de sua observação.

Durkheim defende a ideia de que a religião é vista como fato social e sendo assim deverá ser encarada como mais uma análise científica, a prévia noção particular da realidade (imaginário\real), as noções precisam ser descartadas: “É preciso, portanto considerar os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós” (DURKHEIM, 1995, p. 28).

Sem perder o principal objetivo, passa a perceber os fatos externos observados, já os fatos internos só posteriormente detectados. Se primeiramente o pesquisador identificar todos os pontos internos no campo que está em análise, eles serão apenas noções do espírito do sociólogo, não caracterizando a sociologia como ciência. No fragmento a seguir perceba a abordagem de Durkheim...

A coisa se opõe à ideia assim como o que se conhece a partir de fora se opõe ao que se conhece a partir de dentro. É coisa todo objeto do conhecimento que não é naturalmente penetrável à inteligência, tudo aquilo de que não podemos fazer uma noção adequada por um simples procedimento de análise mental, tudo o que espírito não pode chegar a compreender a menos que saia de si mesmo, por meio de observações e experimentações, passando progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis aos menos visíveis e aos mais profundos. Tratar os fatos de uma certa ordem como coisas não é, portanto, classificá-los nesta ou naquela categoria do real; é observar diante deles uma certa atitude mental. É abordar seu estudo tomando por princípio que se ignore absolutamente o que eles são e suas propriedades características, bem como as causas desconhecidas de que estas dependem, não podem ser descobertas pela introspecção, mesmo a mais atenta (DURKHEIM, 1995, p. XVII-XVIII).

O principal foco de pesquisa com o objetivo fixado, principalmente, na análise sociológica como fato social, é vista como uma visão coletiva, sendo expressão de natureza própria da sociedade, não se modificando pela vontade de ninguém. Intensifica aquele pensamento em que a individual prévia noção da realidade social, não sendo identificada como um possível desenvolvimento para a sociologia. Segundo os dados analisados pelos cientistas, estes estudos defendem a ideia racional e objetivamente da própria realidade social. Ela se mostra fora de toda e qualquer consciência individual, incluindo a do próprio pesquisador. Por sua vez à objetividade da ciência social, tenta explicar da melhor maneira a sociedade, de que a consciência individual é ator social da realidade. Tais pesquisas científicas baseiam-se em dados observados por valores apresentados individualmente, é claro e

perceptível que as verdades defendidas pelo cientista social religioso visando o seu próprio campo religioso. Poderá ser cientificamente vantajosa, verificando que em alguns pontos antes analisados, agora se verifica que foram superados, ficando ainda questionamentos referente ao movimento de afastamento do objeto que vinha sendo analisado, objeto este pertencente ao pesquisador encontrando-se em movimento... Bourdieu complementa quando foi entrevistado pelo jornal *Le Temps* em 1998, onde o caráter de suas intervenções no espaço público e discutido, principalmente na representação da relação dos intelectuais com a mídia num resultado neoliberal, nesta entrevista é dada ênfase a algumas obras de Bourdieu a entrevista mostra um pensamento muito à frente do que o momento, maduro preocupado com a urgência de mudança (Bourdieu morreu em janeiro de 2002. Na entrevista quando questionado sobre seu pensamento emergente de passagem e revelando certa ambivalência, Bourdieu responde:

[...] eu me impedia, e sem razão, de tirar certas consequências evidentes do meu trabalho de pesquisa. Com a segurança que dá a idade, e também com o reconhecimento, e sob a pressão do que considero uma verdadeira urgência política, fui levado a intervir no terreno dito da política. Como se fosse possível falar do mundo social sem fazer política! Pode-se dizer que um sociólogo faz tanto mais política quanto menos acredita estar fazendo... (BOURDIEU, 2002, p. 157).

Ao relevar uma possível alternativa para os estudos do conhecimento científico, que parte do real para voltar a si mesma, ou seja, realidade conhecimento –realidade, assim podemos considerar a aceitação de Bourdieu pelo menos em parte, o engajamento na última relação de passagem, ele percebe a volta do conhecimento para o início, a realidade com intensão específica de intervenção política e mais conhecimentos, através de todos estes acontecimentos, é possível esclarecimento sobre a isenção científica. Pelo entendimento de Bourdieu, há quem não acredite de hipótese alguma fazer política, porém acredita ser quem mais está fazendo, pois engaja-se de tal maneira a assumir condições importantes na relação entre o discurso científico e a realidade histórica. A transição da primeira passagem, do conhecimento que originou-se partindo da realidade e que poderá de uma forma ou de outra fazer interferências se o produtor do conhecimento pertencer a ela, seguindo o entendimento de Bourdieu, no texto “A dupla ausência”, de 1999. Ele comenta vários caminhos da pesquisa e da produção do texto. Estes comentários estão no prefácio da obra de um amigo seu pesquisador. Revela mais – o que justifica aqui em uma longa transcrição longa:

Esse engajamento [chamado de missão], mais profundo que todas as profissões de fé políticas, se enraizava, creio, numa participação a um só tempo intelectual e afetiva na existência e na experiência dos imigrados. Tendo conhecido ele mesmo a emigração e a imigração, das quais ainda participava por mil laços familiares e de amizade, Abdelmalek Sayad estava incitado por um desejo passional de saber e de compreender, que era antes de mais nada vontade de conhecer e compreender a si mesmo, de compreender-se em sua posição impossível de estrangeiro perfeitamente

integrado e no entanto perfeitamente inassimilável. Estrangeiro, isto é, membro dessa categoria privilegiada à qual os verdadeiros imigrados não terão jamais acesso e que pode, no melhor dos casos, acumular as vantagens ligadas a duas nacionalidades, duas línguas, duas pátrias, duas culturas, ele não deixará, ao longo dos anos, de se aproximar dos verdadeiros imigrados, movido pelas razões do coração e da razão, encontrando nas razões que lhe faziam descobrir a ciência o princípio de uma solidariedade de coração cada vez mais intensa. Essa solidariedade com os mais desprovidos, princípio de uma formidável lucidez epistemológica, permitia-lhe desmontar ou destruir por alto, como se nem sequer tocasse, inúmeros discursos e representações comuns ou eruditos concernentes aos imigrados, e penetrar ao rês dos problemas mais complexos [...] da mesma forma com que adentrava a casa de uma família que acabasse de conhecer, familiarmente respeitoso e fazendo-se imediatamente amado e respeitado [...] Todas essas virtudes, de que jamais tratam os manuais de metodologia e também um incomparável domínio teórico e técnico associado a um conhecimento íntimo da língua e da tradição berberes, eram indispensáveis para enfrentar um objeto que [...] não é daqueles que podem ser deixados a qualquer um. Os princípios de epistemologia e os preceitos do método são de pouca ajuda, nesse caso, se não se apoiam em disposições mais profundas ligadas a uma experiência e a uma trajetória social (BOURDIEU, 2002, p. 160-161).

Bourdieu passa a permitir com grande intensidade, a dedicação do pesquisador que se detém para o seu próprio grupo ao qual pertence, pensa-se que a ciência se uni a solidariedade de coração e vice-versa. Este período visto como incerto, mas que se percebe várias positivas possibilidades do duplo pertencimento. Quando o indivíduo fala e é percebido seu sotaque nativo, isto é, definido pelos ouvidos daquele que sendo do povo vive no estrangeiro ou de lá voltou para estar com sua gente, que já não será a mesma de antes. “Quem retorna é outro” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 22). Ultrapassando o pensamento de Bourdieu e identificado na sua concepção de o que seria sociologia, uma possível superação também de seus sistemas, sujeito a críticas observadas para as pessoas de fora, permitindo uma maior interação entre as disciplinas.

A “coisificação” do objeto estudado não pode impedir o investigador de considerar a coisa como objeto extraído ou construído. Mesmo o sociólogo hiperespecializado – em teoria dos campos, por exemplo – não deve considerar apenas a sociedade como realidade, sendo os indivíduos inexistentes ou meros marionetes ou fantoches dela, sob o risco de o espírito hiperdisciplinar se consolidar “como o espírito de um proprietário que proíbe qualquer circulação estranha na sua parcela de saber” (MORIN, 2002, p. 38). Defende-se a ideia que ao investigador não pode negar sua ligação com objeto, porque isso não causará mudança alguma sobre o objeto, seja por falta de competência, ou até mesmo por livre opção, fugindo daquele momento influenciado, que sofreu modificações ou que permitiu as transformações ocasionadas pelo investigador... Morin reafirma nas palavras abaixo mais um pouco do seu pensamento: “as ligações e solidariedades deste objeto com outros objetos tratados por outras

disciplinas” e, mais importante, “as ligações e solidariedades deste objeto com o universo do qual faz parte” (MORIN, 2002, p. 38). O que não retira e permite as limitações nas vivências de quem está proporcionando as atividades. Talvez por uma coisa ou outra mas pertencente ao universo religioso, conseguirá ele através do auto exílio, se fará ele mesmo objeto de pesquisa científica. Pertencente aos mais diversos campos os quais forem os mundos, do estrangeiro, do vasto campo da ciência, dos espaços mais apropriados das vivências, com a louca possibilidade, sem o menor desejo ou paixão, o que vê o cientista religioso. Várias respostas vêm sendo analisadas e também construídas de outra maneira seja em pesquisas, trabalhos, publicações etc. Tudo isso vem acontecendo dentro das universidades, e vem sendo ampliado sem que nos esqueçamos que o exercício da religião é também, e sempre, o exercício do poder religioso, em cuja lógica e funcionamento, há os que mandam e os que obedecem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de vários estudos sobre os campos das ciências sociais e o campo religioso observa-se as mais diversas especulações a respeito deste trabalho, certamente estes estudos nascem por dúvidas sobre os acontecimentos no mundo, ou incômodos que eventualmente o campo religioso vem trazendo ao âmbito social. E ao contrário de que muitos pensam e percebendo a indivisão do ser, não é intolerância a religião que causará o seu fim, pois representa um importante produto do pensamento da sociedade. Através dos acontecimentos provocou um longo período de transição e sendo assim transformação da nossa sociedade. Esta transição acontece porém, não acontece ao mesmo tempo uma auto reflexão do ser percebendo como principal objeto autônomo e livre em suas ações. Tendo ele assim total liberdade e acima de tudo responsabilidade dos seus próprios atos, e ser o próprio gerenciador do amplo movimento social. Estes estudos de modo geral busca suprir a todas estas questões e novas situações promovidas pela sociedade. As ciências sociais aliadas ao campo da religião tem proporcionado um seguimento menos ascéticos e bem mais participativo, e isso promove estes campos assumindo assim novas posições. Até os dias de hoje segue os estudos, luta-se contra a modernidade, a tecnologia e o estudo, porém sei que religião e ciência sempre tiveram suas limitações em argumentar para a sociedade. Mas é claro e perceptivo que uma complementa a outra.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. A volta do sagrado: os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil. *Religião e Sociedade*, n. 3, p. 109-141, Rio de Janeiro: 1978.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo; preliminares epistemológicas*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999. 328p.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. (Org.) *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973. 184p.

CAMPOS, Breno Martins. Quando Romildo se levantou. *Correio Popular*, Campinas-SP, ano 76, n. 23.817, p. 3, 24 out. 2003.

CÉSAR, Waldo A. *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973. 48p.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 165p.

MELZOZ, Jérôme. Lembrar Bourdieu. Trad. Carolina Pulici. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 62, p. 155- 162, mar. 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Um critério de classificação religiosa. *Cadernos do ISER*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 73-76, 1989.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. 279p.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002. 102p.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humano*. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003. 111p.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. (Org.) *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 249-262.

_____. *Sociologia da religião: área impuramente acadêmica*. In: MICELI, Sergio. (Org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995); sociologia (volume II)*. São Paulo; Brasília: Sumaré, Anpocs; Capes, 1999. p. 237-286. .

_____. *A encruzilhada da fé*. São Paulo: Folha de São Paulo (Mais!) 19 maio 2002. p. 4-11.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade; um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 183p.

SCHAFF, Adam. História e verdade. Trad. Maria Paula Duarte. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 317p.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. (Org.) Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004. 173p.

WACQUANT, Loïc J. D. Durkheim e Bourdieu: a base comum e suas fissuras. Trad. Cibele-Saliba Rizek. Novos Estudos CEBRAP, n. 48, p. 29-38, jul. 1997.

WEBER, Max. Ensaio de sociologia. Trad. Waltensir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. 530p.

_____. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Ed. Pioneira. 1996.

_____. Economia e Sociedade. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UNB. 1991.